

Destrutividade, teoria e clínica¹

Destructiveness, theory and clinic

Ana Lila Lejarraga*

Resumo

A proposta deste trabalho é abordar a concepção de Winnicott sobre destrutividade, tanto na teoria quanto na clínica, que se entrecruza de diferentes formas com a questão mais ampla da agressividade. A inovadora noção de destrutividade tem em Winnicott valor positivo; por um lado, porque está na base da capacidade de concernimento e, por outro, porque leva ao reconhecimento do objeto como alteridade. Trabalhamos no texto a dinâmica de destruição e sobrevivência do objeto, fundamental para desenvolver a capacidade de usar objetos, ou seja, de reconhecer o objeto como outro diferente. A categoria de sobrevivência adquire todo seu valor em termos clínicos, já que a sobrevivência do analista se torna uma atitude básica no manejo do *setting*.

Palavras-chave: Destrutividade. Agressividade. Uso de objeto. Sobrevivência do analista.

Abstract

The purpose of this paper is to address Winnicott's conception of destructiveness, both in theory and in clinical practice, which intersects in different ways with the broader issue of aggressiveness. The innovative notion of destructiveness has a positive value for Winnicott; on the one hand, because it is the basis of the capacity for concern and, on the other, because it leads to the recognition of the object as otherness. In the text, we work on the dynamics of destruction and survival of the object, which is fundamental to developing the capacity to use objects, that is, to recognize the object as a different other. The category of survival acquires its full value in clinical terms, since the analyst's survival becomes a basic attitude in the management of the setting.

Keywords: *Destructiveness. Aggressiveness. Use of an object. Analyst's survival.*

¹ Este texto é a transcrição da palestra proferida na Mesa de Debate “A destrutividade na Teoria e na Clínica Psicanalíticas – A. Green e D. Winnicott conversam”, em 26 de outubro de 2024, na sede do CPRJ.

* Psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS-UERJ). Professora associada aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. analejarraga@gmail.com

O conceito de destrutividade em Winnicott talvez seja um dos mais difíceis da sua obra, especialmente porque se entrecruza e se relaciona de diferentes formas com a questão mais ampla da agressividade.

Tanto a agressividade quanto a destrutividade são inerentes à natureza humana, próprias do estar vivo. Mas a agressividade propriamente dita, ou seja, a capacidade do sujeito de agredir, de se defender e até de odiar o objeto, não é dada no nascimento, mas desenvolvida na relação com o ambiente. Vamos então tematizar brevemente o desenvolvimento da agressividade, para depois abordar, especialmente no final da sua obra, como Winnicott entende a destrutividade.

Winnicott dá muito valor ao que é espontâneo e próprio do bebê, o que tem a ver com o desenvolvimento do verdadeiro *self*, que é contraposto ao reativo que aponta para a adaptação ao ambiente em detrimento do si mesmo e que, se predominar sobre o espontâneo, pode levar às patologias *falso-self*.

Dessa forma, Winnicott valoriza a agressividade espontânea, que forma parte da expressão do si mesmo. Contando com um ambiente favorável, que não reprime essa agressividade, esta vai se integrando na pessoa total, permitindo o trabalho criativo, o reconhecimento da realidade externa e o desenvolvimento da capacidade de concernimento.

Mas quando o ambiente fracassa em atender às necessidades emocionais da criança, reprimindo ou impedindo o impulso agressivo espontâneo, a agressividade se torna violenta e destrutiva, dando origem a comportamentos antissociais. Quanto mais reativa for a criança, menos criatividade existirá nela e mais inibida ficará a agressividade espontânea. Se essa agressividade espontânea for sufocada, a criança perderá uma parte importante da sua potência de vida, da sua capacidade de amar e se relacionar com objetos.

Winnicott teoriza, já em 1950, que a agressividade não derivaria de uma única pulsão nem poderia ser entendida simplesmente como resposta frente à frustração. Quais seriam então as raízes da agressividade?

Na sua visão, a raiz mais primitiva da agressividade é a motilidade, que começa a se exercer já no útero materno, antes mesmo do nascimento, formando parte do potencial herdado. Essa motricidade, que também é denominada por Winnicott de “força vital” (WINNICOTT, 1950/2000, p. 303), leva o bebê ao encontro do meio ambiente, iniciando-se um longo processo de descoberta da externalidade do mundo.

Outra das raízes da agressividade se encontra no impulso amoroso primitivo, cujo paradigma é a voracidade (WINNICOTT, 1939/2005, p. 97), pela qual o bebê se lança rude e brutalmente ao encontro do seio materno, amando

e devorando a mãe. Esse amor instintivo é impiedoso e cruel porque o bebê não tem preocupação com o dano que pudesse causar, já que se encontra no estágio inicial da dependência absoluta, em que desconhece a existência do ambiente. O bebê, nesse estágio inicial, pode morder ou chutar, mas não caberia supor que tenha uma intenção agressiva, já que não existe ainda uma intencionalidade desenvolvida.

Alguns anos depois, em 1964, Winnicott formula explicitamente o caráter destrutivo do impulso amoroso primitivo, da voracidade. Assim, quando o bebê ataca a mãe para se alimentar e aliviar a tensão instintiva, o bebê a devora. À medida que amadurece, o lactente vai elaborando imaginativamente suas experiências instintivas e, nesse sentido, Winnicott nos relata as fantasias infantis – que se expressam principalmente no brincar – de ter destruído ou esburacado o corpo materno com seus ataques de amor excitado.

Winnicott afirma, assim, que a destrutividade é primária, inerente ao impulso amoroso primitivo, embora o caráter “realmente destrutivo” (de machucar a mãe, por exemplo) aconteça só “por acaso”, já que “a principal destruição existe sempre, necessariamente na fantasia do bebê” (WINNICOTT, 1939/2005, p. 97).

Retornemos à temática da motilidade. No padrão de desenvolvimento saudável, o bebê vai ao encontro da mãe para obter satisfação instintiva através da atividade ou movimentação. Temos que uma porção significativa dessa motilidade é utilizada na oralidade, no amor-boca. Mas o restante da motilidade, a porção que não se funde ao erotismo, se dirige aos objetos do mundo e, como diz Winnicott, “precisa encontrar oposição” (WINNICOTT, 1950/2000, p. 298), ou seja, precisa de um objeto externo real que coloque um limite à movimentação espontânea.

Se não existisse oposição, a motilidade do bebê se diluiria no vácuo, impedindo-o de tomar consciência de sua força muscular, de seu potencial agressivo e da existência de um mundo externo real. Assim, a oposição do ambiente é necessária para que se desenvolva o impulso agressivo, que será sentido como real, fortalecendo no bebê a sensação de estar vivo e de existir.

Quando encontra oposição, a motilidade vai se transformando gradualmente em agressividade propriamente dita, intencional. A criança, nesse estágio de dependência relativa, já é capaz de experimentar a agressividade; agredindo, machucando e atacando o objeto de forma proposital.

Essa recém-adquirida agressividade, em que o bebê reage com ira à desadaptação materna, carrega no seu bojo a fantasia destrutiva de ter esburacado ou destruído o corpo materno. A fantasia destrutiva é muito poderosa e não corresponde ao exercício real da agressividade do bebê.

Começa assim um processo muito rico de ciclos benignos, em que se combinam os ataques agressivos do bebê contra a mãe, com suas fantasias destrutivas.

O bebê alcança, no novo estágio, o estatuto de ser um eu unitário, tornando-se capaz de distinguir um dentro e um fora, um eu e um não-eu. O bebê está reconhecendo que a mãe que ele ataca é a mesma pessoa que cuida dele e da qual depende. E está também atingindo a ambivalência, percebendo que seus impulsos agressivos e amorosos se dirigem a um mesmo objeto.

Ocorre um processo de alta complexidade e de longa duração, em que o bebê, temendo as consequências devastadoras de seus ataques de amor excitado, realiza gestos de reparação dos danos causados à mãe.

Se a mãe for suficientemente boa e sobreviver aos impulsos instintivos e agressivos do bebê, aceitando sua preocupação e seus gestos reparatórios, estabelece-se um círculo benigno de destruir e reparar, de machucar e curar. Com inúmeras repetições desse círculo benigno, desenvolve-se, num demorado processo, a capacidade de concernimento. O lactente pode experimentar culpa pelos seus ataques, mas se puder reparar, se o ambiente aceitar suas dádivas, a culpa se transforma em concernimento (WINNICOTT, 1962/1990, p. 78), ou seja, um sentimento de responsabilidade, consideração e cuidado com o outro.

A oportunidade para reparar e contribuir, sempre que essa contribuição seja acolhida, nos ajuda a aceitar a destrutividade que é parte de todos nós. Quando a contribuição não é acolhida e valorizada, predomina a sensação de impotência ou inutilidade, que pode levar a explosões de agressividade. Winnicott diz que “é fundamental que a criança possa dar, mais até do que receber” (WINNICOTT, 1964/1982, p. 268).

Como os sentimentos são sempre ambivalentes, os ciclos benignos se repetem vida afora, nas relações afetivas em geral.

Vemos que a agressividade/destrutividade adquire valor positivo em vários sentidos. Antes de tudo, porque a sensação de ser real do lactente, depende principalmente da raiz motora da agressividade. Em segundo lugar, porque a agressividade e a destrutividade estão na base da capacidade de concernimento, do movimento de contribuir e construir. Em terceiro lugar, porque a destrutividade, como vamos ver a seguir, leva ao reconhecimento do objeto como alteridade, como outro diferente.

Vejamos então. Em 1968, no ensaio *O uso de um objeto e relacionamento através de identificações*, Winnicott formula sua concepção do uso de um objeto e da destrutividade, dando sua versão definitiva da teoria da agressividade e oferecendo inovadora visão sobre a questão do reconhecimento da alteridade.

Winnicott anuncia que a tese do ensaio é simples: para poder “usar” um objeto, o lactente precisa destruir o objeto que, ao sobreviver, demonstra sua autonomia e sua existência independente. A noção “uso” do objeto não alude a alguma forma de exploração, mas à capacidade do sujeito de utilizar um objeto significativo, após tê-lo encontrado e ter reconhecido sua existência independente. Winnicott distingue as expressões “relação de objeto” e “uso do objeto”, considerando que enquanto a relação de objeto descreve uma experiência do sujeito na qual os objetos são subjetivos, o uso do objeto descreve uma experiência em que os objetos são objetivos, formando parte da realidade externa.

O contato inicial entre o bebê e sua mãe é descrito em termos de “relação de objeto”, no qual a mãe ainda não é reconhecida pelo bebê como tendo existência própria. A capacidade de usar objetos é uma conquista do amadurecimento, que significa que o sujeito reconhece que a realidade existe por direito próprio.

Embora o lactente tenha iniciado o processo de desilusão e esteja começando a fazer uso de objetos transicionais, percebendo que estes não são totalmente subjetivos – nem objetivos – a mãe permanece sendo para ele um objeto subjetivo por mais tempo. O bebê deve, então, destruir a mãe como objeto subjetivo, criação sua, e reconhecer sua existência como parte da realidade externa, compartilhada.

Como entender melhor a noção de “destruição” do objeto?

A expressão “o sujeito destrói o objeto” (WINNICOTT, 1968/1994, p. 177) alude à fantasia de machucar ou danificar o objeto, como “fazer um buraco no corpo da mãe” (WINNICOTT, 1954/2000, p. 365), fantasia que se desenvolve a partir da elaboração imaginativa da experiência de amor excitado.

Winnicott, alegando que talvez ainda não tenha encontrado um termo mais apropriado, refere-se também à destruição como “desdenhar” ou “provo-car” o objeto (WINNICOTT, 1968/1994, p. 174).

Alguns autores, como Madeleine Davis e David Wallbridge, no clássico livro *Limite e Espaço* (1982) interpretam a destruição em termos perceptivos, considerando que, quando o bebê fecha os olhos, está destruindo o pedaço do mundo que se encontra no seu campo visual. E quando os abre novamente, e os objetos continuam lá, inalterados, demonstram sua permanência, o que remete à brincadeira infantil de “desaparecer e aparecer” que tanto prazer provoca nas crianças no segundo semestre da vida.

No mesmo sentido, Jessica Benjamin propõe que a destruição seja entendida como uma espécie de “negação”, como a experiência psíquica de “você

não existe para mim” (BENJAMIN, 1996, p. 55), cujo resultado favorável é a alegria pela sobrevivência do outro.

A noção de destruição pareceria oscilar entre a fantasia que corresponde a uma espécie de negação (“você não existe para mim”), e a fantasia destrutiva de machucar ou danificar o objeto.

Entendemos que a destrutividade e a agressividade se entrelaçam e combinam de várias formas. Segundo Winnicott, a agressividade oferece o “pano de fundo” para a fantasia de destruição. Assim, à medida que a agressividade vai se desenvolvendo, tornando-se agressividade propriamente dita, a fantasia destrutiva se tornaria mais complexa, misturando-se intimamente com o potencial agressivo.

Em síntese, a destruição do objeto consiste numa destruição sem raiva, interna, potencial, que acontece principalmente na fantasia do bebê. E uma vez que sobrevive externamente, o objeto torna-se independente e real.

A capacidade de usar objetos possibilita o reconhecimento do objeto como diferente, permitindo uma verdadeira relação objetal. O sujeito pode agora amar o objeto como uma pessoa autônoma e separada. A destrutividade, assim, torna-se pano de fundo inconsciente para o amor a um objeto real.

Da mesma forma que os ciclos benignos de machucar e reparar acontecem durante toda a vida, possibilitando cuidar e se importar com o outro apesar da própria ambivalência, os processos de destruição e sobrevivência do objeto também se repetem vida afora. Como diz Winnicott, quando estou amando estou sempre te destruindo, porque o outro é também sempre um objeto subjetivo, que deve ser destruído para poder ser reconhecido na sua alteridade.

Relembrando brevemente a sequência de movimentos no árduo caminho para aceitar a diferença do outro, temos que o bebê, na dependência relativa, após ter tido experiências de ilusão e desilusão e de ter diminuído sua onipotência, começa a fazer uso dos objetos transicionais. A transicionalidade permite que o bebê perceba que nem tudo é sua criação onipotente, começando a perceber algo da externalidade dos objetos. Entretanto, para aceitar cabalmente a existência independente dos objetos, sua alteridade, é necessário que o lactente adquira a capacidade de “usar” objetos.

Vemos assim que a ilusão é a porta de entrada para o contato com a realidade, fazendo com que esse contato seja significativo e prazeroso. E a destrutividade permite perceber o caráter objetivo e autônomo da realidade, reconhecendo a diferença do outro, o que possibilita a relação objetal propriamente dita.

Em 1969, no artigo inacabado *O uso de um objeto no contexto de Moisés e o Monoteísmo*, Winnicott afirma a *unidade primária* entre o impulso amoroso e o impulso agressivo e destrutivo. A novidade é que Winnicott não está falando mais de fusão entre impulso erótico e destrutividade, mas de *unidade*. Nas suas palavras: “O ponto crucial de meu argumento é que o primeiro impulso (*drive*) é, ele próprio, *uma* só coisa, algo que chamo de *destruição*, mas poderia ter chamado de impulso combinado amor-conflito. Esta unidade é *primária*” (WINNICOTT, 1969/1994, p. 190).

Winnicott aproxima sua ideia dessa unidade primária à concepção de Empédocles do amor-conflito (*Philia e Neikos*) e à teoria freudiana das pulsões de vida e de morte. Estaria Winnicott se aproximando da pulsão de morte freudiana que ele nunca aceitara? Vamos deixar esta questão por enquanto em suspenso, para ser abordada no final do trabalho.

Recapitemos então o que vimos sobre a noção de destrutividade. Sabemos que o termo “destrutividade” é objeto de muita confusão, porque tanto é utilizado para descrever uma destruição patológica, para abordar os comportamentos violentos e destrutivos provocados pela tendência antissocial, quanto para se referir a uma destrutividade inerente à natureza humana – que constitui uma unidade com o potencial erótico. Além do mais, a noção de destrutividade desdobra-se num novo sentido quando Winnicott trabalha a ideia da destrutividade e sobrevivência do objeto, que leva ao reconhecimento da alteridade. Assim, além da descrição de comportamentos destrutivos, podemos dizer que o conceito de destrutividade aponta para duas dimensões: a destrutividade que constitui uma unidade com o impulso erótico e a destrutividade potencial que leva ao uso do objeto.

É importante enfatizar que a condição para que o sujeito possa chegar a usar um objeto é a *sobrevivência* do objeto, que demonstra que não foi aniquilado pela potência destrutiva do sujeito. Sabemos que o objeto, por motivos próprios e não pela destruição do lactente, poderia não sobreviver, como pode acontecer se a mãe estiver deprimida, o que levaria a criança a permanecer no seu mundo puramente imaginativo, tendo dificuldades de se enriquecer no contato com a realidade compartilhada.

Perguntamos então “O que significa “sobreviver”? E como a sobrevivência do objeto se daria na clínica?

Winnicott afirma que sobreviver significa, antes de tudo, “não retaliar”, não se vingar, continuar sendo consistentemente a mesma pessoa, com a mesma atitude. A sobrevivência é um traço fundamental tanto do cuidado materno quanto do cuidado analítico.

Em relação ao cuidado materno, sobreviver significa manter sem grandes mudanças a qualidade do ambiente, não desistindo da tarefa, não desanimando. A mãe, como diz Winnicott, teria inúmeras razões para odiar o seu bebê, porque este não a deixa dormir, porque a solicita sem descanso, porque a ataca ferozmente (e a morde ou a chuta) durante a amamentação. Mas a mãe, diz Winnicott, tem a “capacidade de se deixar ferir pelo bebê e de odiá-lo, sem se vingar da criança” (WINNICOTT, 1947/2000, p. 286).

A sobrevivência da mãe tem inúmeras faces ao longo do amadurecimento das crianças. A mãe tem que sobreviver à voracidade do bebê, entendendo que seu impulso impiedoso não constitui uma crueldade intencional, mas a expressão da sua vitalidade. Logo depois, quando o bebê, por volta do segundo semestre do primeiro ano, começa a chutar e morder, sem que tenha raiva por isso, simplesmente porque está “expulsando ou destruindo o objeto subjetivo”, a mãe deve sobreviver a esse impulso para destruir.

Posteriormente, quando a mãe começa a desiludir seu bebê, este vai reagir com agressividade e, pela culpa de ter destruído a mãe da qual depende, vai reparar a mãe com seus cuidados e dádivas, desenvolvendo os ciclos benignos de ataques e reparações. A mãe, para que se completem os ciclos benignos, deve sobreviver a esses ataques, aceitando os cuidados do bebê.

Segundo Elsa Oliveira Dias, a sobrevivência materna é essencial devido à precariedade da existência (DIAS, p. 157). Winnicott aprendeu com bebês e pacientes regressivos que a principal necessidade dos humanos é existir, sendo criativos e construindo sentidos para a vida. Contudo, o processo do amadurecimento nunca se completa totalmente e suas conquistas têm a marca da precariedade. As pessoas saudáveis e neuróticas realizaram essas conquistas, embora estas poderiam se perder, mas os psicóticos e *borderline* não atingiram essas conquistas ou só as realizaram precariamente, oscilando sempre entre o existir e a perda da existência, entre o ser e o não-ser, numa incansável busca de si mesmos.

No trabalho clínico com pacientes *borderline*, contexto de referência desta teorização, o trabalho interpretativo do analista só poderá ser realizado se o analista for percebido pelo paciente como uma pessoa separada, ou seja, se ele for capaz de usar o analista. Os pacientes *borderline*, com frequência, não conquistaram ainda essa capacidade, o que faz com que grande parte do trabalho analítico consista em suportar e não retaliar os impulsos destrutivos do paciente.

Lembremos que, para Winnicott, a situação analítica e o fazer do analista derivam diretamente das relações iniciais mãe-bebê, já que, na sua visão, o *setting* reproduz os cuidados ambientais dos estágios iniciais.

Dessa forma, com pacientes *borderline* e regressivos, o *setting* analítico, que duplica a ambiência inicial, deixa de funcionar como pano de fundo e se torna o eixo do trabalho terapêutico. Winnicott define o fazer analítico com esses pacientes graves como “manejo do *setting*”. Esses pacientes oscilam entre o medo da loucura e a necessidade de enlouquecer, ou seja, a necessidade de reviver, ao menos parcialmente, as agonias impensáveis do não-ser.

O psicanalista, assim, é convocado a sobreviver, ser confiável e permanecer sendo ele mesmo, sem mudar de atitude, apesar de ser afetado. Da mesma forma que a mãe suficientemente boa, o analista deve sobreviver, suportando os ataques destrutivos e agressivos do paciente em regressão, seus estados de amorfia e suas agonias de não-ser.

Jam Abram, no texto *Objetos sobreviventes e não sobreviventes* (ABRAM, 2013) sugere que, embora a necessidade de sobrevivência do analista seja indispensável com pacientes *borderline* e regressivos, em todas as análises haveria uma camada primitiva de experiência que se revive na transferência, já que nunca as necessidades primordiais seriam totalmente atendidas pelo objeto primário. Desse modo, a atitude analítica sempre deve desenvolver diferentes aspectos da sobrevivência. Tanto as falhas severas quanto as falhas sutis dos objetos primordiais podem e devem ser trabalhadas e elaboradas numa análise.

Vemos que a categoria de sobrevivência, tanto da mãe quanto do analista, amplia-se nas perspectivas de Jan Abram e Elsa Oliveira Dias, tornando-se uma atitude fundamental no curso do amadurecimento e na tarefa analítica.

Retomemos agora, para finalizar, as instigantes considerações de Winnicott sobre a unidade primária do impulso amoroso e da destruição, que pareceria aproximar seu pensamento da teoria freudiana das pulsões de morte. No meu modo de ver, trata-se de concepções diferentes.

Sucintamente, podemos dizer que Freud sempre manteve sua concepção dualística: pulsões de vida e de morte são dois princípios básicos que se opõem: enquanto Eros tende a reunir o existente em unidades cada vez maiores, Tanatos tende a destruir essas unidades e ao desligamento. Winnicott propõe um ponto de vista monista: a unidade primária e indissociável entre amor e destruição. Não se trata, para Winnicott, da luta entre “dois poderosos inimigos imortais” (FREUD, 1930/1988, p. 140) em que um se fortalece a expensas do outro. A destrutividade e o potencial erótico são, de certa forma, complementares, já que é pela via da destrutividade que se chega ao reconhecimento da externalidade do objeto, condição para amá-lo. Mas as diferenças radicam principalmente na concepção da destruição. A destrutividade originária não

seria uma tendência ou um princípio que levaria a desfazer os laços e ao desligamento, mas, como vimos, ela é potencial, acontecendo principalmente na fantasia do bebê. Por outro lado, a destrutividade originária só pode ser concebida e adquire sentido em relação ao ambiente. Trata-se, sabemos, de uma ampla discussão que escaparia aos limites deste trabalho, até porque há inúmeras interpretações sobre a pulsão de morte.

Em suma, vemos que a concepção de Winnicott da destrutividade é radicalmente inovadora, afastando-se da visão freudiana, já que, em vez de visar a destruição total do outro ou seu desaparecimento, resulta, paradoxalmente, no caminho privilegiado para sua alteridade. Ou, dito em outros termos, mais do que embate com a realidade, a destrutividade cria a realidade.

Tramitação

Recebido 15/04/2025

Aprovado 18/04/2025

Referências

ABRAM, J. D.W.W.'s notes for the Vienna Congress 1971: a consideration of Winnicott's theory of aggression and an interpretation of the clinical implications. In: *Donald Winnicott Today*. Edited by Jan Abram. London and New York: Routledge, 2013.

BENJAMIN, J. *Los lazos de amor*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

DAVIS, M.; WALLBRIDGE, D. *Limite e espaço*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

DIAS, E. O. Da sobrevivência do analista. In: *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWW ed., 2011.

FREUD, S. (1930). *El malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu, 1988. (Obras Completas, 21).

WINNICOTT, D. W. (1939) Agressão e suas raízes. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. (1947). O ódio na contratransferência. In: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1954). A posição depressiva no desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

- _____. (1950). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1962). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. (1964). As raízes da agressividade. In: *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. (1968). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1969). O uso de um objeto no contexto de Moisés e o Monoteísmo. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.